

A REINVENÇÃO DO EU: DESDOBRAMENTOS DO FENÔMENO MNEMÔNICO EM O VALE DA PAIXÃO, DE LÍDIA JORGE

SOUZA, Mariana Jantsch de¹; SPAREMBERGER, Alfeu²

¹ Universidade Federal de Pelotas – marianajsouza@yahoo.com.br

² Universidade Federal de Pelotas – alfeu.sparemberger@terra.com.br

1. INTRODUÇÃO

Nos grupos humanos o estabelecimento de uma identidade é fator de extrema relevância, pois para pertencer a um grupo é preciso posicionar-se perante os demais. É com a demarcação de uma posição social que se deflagra o processo permanente de construção identitária, o qual implica constante afirmação e legitimação, uma vez que as identidades apresentam diferentes faces e exigem a reatualização de seus elementos estruturadores. A principal fonte de afirmação e de legitimação é o resgate do passado, o que envolve as categorias memória e história.

No que respeita à memória, objeto central deste estudo, não se trata de um simples deslocamento do passado para o tempo presente, pois o fenômeno mnemônico é permeado por lembranças e esquecimentos, o que demonstra quão seletiva pode ser a memória. Trata-se, então, de uma reconstrução eminentemente subjetiva, marcada pelos interesses do sujeito e do grupo, uma vez que os elementos, representações e imagens evocadas são subjetivamente selecionados e destacados do passado, de forma que essas experiências são revividas e adaptadas ao tempo presente.

Partindo-se da idéia de que rememorar por si só implica reavaliar e reviver experiências passadas sob o olhar de um eu atual e diferente daquele do passado, percebe-se que a memória é um dos elementos que molda o homem, pois inevitavelmente este recorre às lembranças acumuladas para resgatar valores e conceitos culturalmente consolidados e com isso (re)construir uma identidade.

O ponto crucial para as reflexões propostas nesta pesquisa em andamento, realizada em nível de mestrado, na área de Literatura, levando em conta o referencial teórico utilizado, é a certeza de que a memória é um dos elementos em que se funda a identidade. É, pois, a partir do passado – das experiências vividas - que se compreende o presente e planeja-se o futuro. Assim, a memória serve como instrumento para o sujeito compreender-se. Beatriz Sarlo destaca a importância da memória nesse mesmo sentido, afirmando que “é mais importante entender do que lembrar, embora para entender também seja preciso lembrar” (2007, p. 22).

É em virtude de o resgate do passado transmitir a sensação de que o homem move-se no tempo, permitindo a interligação entre passado, presente e futuro, que a memória assume vital relevância. Entretanto, o caráter subjetivo e seletivo da memória a torna falha, omissa e extremamente parcial, o que revela que o ato mnemônico é permeado por vontades e guiado pelo sujeito, consciente ou inconscientemente.

São esses aspectos da memória e a forma como esta contribui para a auto-avaliação dos sujeitos, e, conseqüentemente, para a reformulação identitária, que constituem o tema da presente pesquisa. No corpus selecionado, o romance *O Vale da Paixão* (1998), de Lidia Jorge, a subjetividade que envolve o processo estudado demonstra, a partir da voz do narrador, as relações do indivíduo com o grupo e a necessidade de reformulação identitária que a protagonista vivencia.

No romance de Lídia Jorge, a reconstrução identitária se dá em relação à realidade portuguesa, num contexto de regime ditatorial - o qual é representado simbolicamente por meio da família Dias – em que a discussão identitária se estabelece a partir da negação das origens da protagonista. Neste romance, são resgatados quarenta anos da história do povo português e a necessidade de reformulação da identidade portuguesa através da protagonista e de seu drama familiar. O processo de revisão e reconstrução da identidade da protagonista é empreendido com a finalidade de resgatar uma ascendência oculta, negada.

Para a realização da presente pesquisa, de cunho exclusivamente bibliográfico, e para que se cumpram os objetivos propostos, utilizou-se como aporte teórico as obras de Henri Bergson, Gaston Bachelard, Maurice Halbwachs, Jöel Candau, Michael Pollak, Jacques Le Goff, Beatriz Sarlo e Stuart Hall relativas às áreas de história, memória, imaginário e identidade. Sendo assim, inicialmente, examina-se o que se entende por memória e por identidade para em seguida abordar a interrelação entre esses fenômenos.

2. METODOLOGIA

Partindo do referencial teórico representado pelos estudiosos citados, observa-se que a memória é o meio pelo qual retemos e armazenamos o passado em nossa mente, o qual, então, passa a ser uma representação, uma imagem. Disto infere-se que a memória faz parte do campo da imaginação, pois é o ‘recipiente’ em que guardamos imagens, representações e sensações, que se tornam abstrações, pois deixam de pertencer, efetivamente, ao plano do real. Entretanto, é importante ressaltar que as imagens da memória são da ordem do temporal e não do espacial, pois passam a existir como representações que se mobilizam temporalmente conforme são evocadas sob a forma de lembranças.

Diante disso, a função da memória seria “fundar um presente em relação com o passado”, conforme assevera Beatriz Sarlo (2006, p. 97). Nesse sentido, Jacques Le Goff considera que “a oposição entre passado/presente é essencial na aquisição da consciência do tempo” (2008, p. 13) e o mesmo se verifica com relação à memória, vez que esta pressupõe um passado, ou seja, ela só existe à medida que existe o passado, o qual só existe para os seres conscientes do tempo, capazes de compreender o tempo e seu decurso.

Em seguida, fez-se necessário analisar o fenômeno identitário para adiante verificar como se relacionam memória e identidade. Inicialmente, para pensar a questão da identidade são relevantes as considerações de Stuart Hall, teórico que pensa o tema no contexto da modernidade, destacando as mudanças sociais a partir das quais surge a identidade moderna.

Hall tece suas considerações partindo da premissa de que “as identidades modernas estão sendo descentradas, deslocadas ou fragmentadas” (2006, p. 8), ou seja, os parâmetros tradicionais deixaram de ser fonte de referências sólidas para as identidades desde o início da modernidade. Os sujeitos não se percebem mais como indivíduos integrados após perceberem como abalados os seus referentes identitários. Dessa forma, deslocamento e estranhamento são a tônica das identidades modernas, de modo que o confronto com o diferente é inevitável. Mais do que isso, é deste embate que surge a identidade moderna, constituída também pelo diferente à medida que o incorpora:

A identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento. [...] Ela permanece sempre incompleta, está sempre 'em processo', sempre 'sendo formada'. [...]

Assim, em vez de falar da identidade como uma coisa acabada, deveríamos falar de identificação, e vê-la como um processo em andamento. A identidade surge não tanto da plenitude da identidade que já está dentro de nós como indivíduos, mas de uma falta de inteireza que é 'preenchida' a partir de nosso exterior, pelas formas através das quais nós imaginamos ser vistos por outros (HALL, 2006, p. 38-9).

Isso demonstra, portanto, que é necessário pensar a identidade inserida no campo semântico da provisoriedade, do não acabado, do indefinido no sentido de não enquadrável numa moldura delimitadora, pois está em processo sempre, em fase de acabamento e aperfeiçoamento.

Pode-se perceber, então, que a memória é um dos pilares em que se funda a identidade. Por isso, todo ato memorial apresenta intenções identitárias, haja vista que conferir um sentido atual ao passado, pautado pelas preocupações do presente é necessariamente um trabalho de revisão autocrítica do passado e de si mesmo: “não existe um verdadeiro ato de memória que não esteja ancorado nos desafios identitários presentes” (CANDAU, 2011, p. 150).

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Em *O Vale da Paixão*, a memória é ressaltada como “‘comportamento narrativo’, que se caracteriza, antes de mais nada, pela sua função social, pois se trata de comunicação a outrem de uma informação, na ausência do acontecimento ou do objeto que constitui o seu motivo”, conforme pondera Jacques Le Goff ao considerar os apontamentos de Pierre Janet (LE GOFF, 2008, p. 421). Com isso aproxima-se memória e linguagem, no sentido de que:

A utilização de uma linguagem falada, depois escrita, é de fato uma extensão fundamental das possibilidades de armazenamento da nossa memória que, graças a isso, pode sair dos limites físicos do nosso corpo para se interpor quer nos outros, quer nas bibliotecas. Isto significa que, antes de ser falada ou escrita, existe uma certa linguagem sob a forma de armazenamento de informações na nossa memória (HENRI ATLAN *apud* LE GOFF, 2008, p. 421).

O Vale da Paixão apresenta a história da família Dias, uma família do interior de Portugal que vive na estância de Valmares, nos idos de 1930. Os acontecimentos são narrados à medida que surgem na lembrança da narradora, por isso, como uma narrativa memorial, apresenta muitos *flashbacks* conforme a história dos Dias avança no tempo rumo ao momento da morte de Walter, o momento da narração.

No que tange à narração, é a filha de Walter que expõe a trama protagonizando-a a partir de sua visão acerca de Valmares, de Francisco Dias, de Maria Ema e de Walter. Assim, o tempo, o espaço, a história dos Dias e as personagens são retratados conforme percebidos pelo olhar de quem se posiciona alheia à família, como uma bastarda. Por isso, a filha inominada de Walter narra inicialmente em terceira pessoa, forjando-se como narrador heterodiegético.

A narradora seleciona fatos familiares para reconstituir suas origens. Para tanto, precisa retomar a história de seu pai, sua infância em Valmares, sua adolescência, sua rebeldia diante do pai e seu recrutamento para a guerra, exatamente no momento em que Maria Ema engravida, bem como a conseqüente união de Maria Ema e Custódio -

a brilhante solução encontrada por Francisco Dias. Assim, a restituição do passado da família é feita em torno do passado de Walter.

Trata-se de uma identidade ainda não constituída que se serve do ato narrativo como o meio para sua constituição. A narrativa memorial desenvolve-se paralela ao processo identitário. Em razão disso, à medida que o processo avança, a narradora abandona a neutralidade inatingível que pretendia e não consegue manter esse pretensão distanciamento, assumindo-se como a filha de Walter.

Em *O Vale da Paixão*, portanto, as memórias da filha de Walter são construídas nos intervalos do silêncio familiar, nas frestas do esquecimento forçado. Ao longo da rememoração, a narradora evidencia o silêncio familiar como um obstáculo ineficaz, incapaz de esconder a real relação da filha de Maria Ema com Walter Dias.

4. CONCLUSÕES

Dentre todos os elementos que contribuem para a formação de uma identidade, a memória apresenta significativa importância, pois envolve a manipulação subjetiva de representações e experiências passadas. É esta manipulação e a forma como ocorre que importa para a análise de como e em que medida a memória participa do processo de reelaboração identitária.

Diante disso, a análise do citado fenômeno no romance de Lídia Jorge demonstra o quanto são questionáveis as identidades e como se manifesta o processo de (re)construção identitária a partir de um discurso fundado na memória – uma narrativa da memória.

Em *O Vale da Paixão* tem-se, portanto, uma história construída a partir da cumulação de memórias invocadas do início ao fim pela narradora. A memória guia o processo narrativo e o processo de construção identitária, motivada pela necessidade de lembrar para não permitir que as origens da narradora sejam enterradas junto com o pai, Walter Dias. Assumir a condição de filha de Walter Glória Dias é o primeiro passo para a construção de uma identidade. Neste contexto, a memória funciona como um olhar ressignificador, desempenhando um papel de revisão autocrítica do passado: a narradora guia o processo de rememoração pela necessidade de revisão do passado familiar e de atribuição de novos significados aos eventos familiares.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- BERGSON, Henri. *Matéria e Memória*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- CANDAU, Jöel. *Memória e identidade*. São Paulo: Contexto, 2011.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- _____. Quem precisa da identidade? In: SILVA, Tomás T. (Org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.
- JORGE, Lídia. *O Vale da Paixão*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1998.
- LE GOFF, Jaques. *História e Memória*. Campinas, SP: Editoria Unicamp, 2008.
- POLLAK, Michael. Memórias, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3. 1989.
- _____. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 5, n. 10. 1992.
- SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Cia das Letras, 2007.